https://biblehub.com/commentaries/philippians/1-21.h

Inglês ▼ Português ▼

◄ Filipenses 1:21 ►

Pois para mim viver é Cristo, e morrer é ganho.

Ir para: Alford, Barnes, Bengala, Benson, BI, Calvin, Cambridge, Crisóstomo, Clarke, Darby, Ellicott, Expositor, Exp Dct, Exp Grct, Gaebelein, GSB, Gill, Cinza Haydock • Hastings • Homilética • ICC • JFB • Kelly • KJT • Lange • MacLaren • MHC • MHCW • Meyer • Meyer • Parker • PNT • Poole • Púlpito •

EXPOSITOR (BÍBLIA INGLESA)

Comentário de Ellicott para leitores em inglês

(21) **Viver é Cristo.** - Isso, é claro, significa "Cristo é a minha vida", mas não no sentido de que Ele é a fonte e o princípio da vida em nós, mas que todo o estado concreto da vida é tão vivido Nele que se torna uma manifestação simples. da sua presença. A oposição na passagem é entre os estados de viver e morrer (ou estar morto), não entre os princípios da vida e

não entre os princípios da vida e da morte. Portanto, é, em certo sentido, distinto das passagens cognatas - Colossenses 3: 3-4: “Vocês estão mortos e sua vida está oculta com Cristo em Deus. . . . Cristo é a nossa vida; ”e Gálatas 2:20 :“ Vivo, mas não eu, mas Cristo vive em mim. ”Essas passagens expõem a causa; este é o resultado. Se Cristo é o princípio da vida em nós, então tudo o que pensamos, dizemos e fazemos, exibindo visivelmente essa vida interior, deve ser a manifestação de Cristo.

Morrer é ganho. - Isso segue

do outro. A morte é uma nova etapa no progresso da união com Cristo. Assim, lemos em 2Coríntios 5: 6-7: “Sabendo que, enquanto estamos em casa no corpo, estamos ausentes do Senhor. . . preferimos estar ausentes do corpo e estar presente com o Senhor. ”“ Partir ”(ver Filipenses 1:23) é, num sentido mais elevado do que se pode perceber aqui,“ estar com Cristo ”.

Exposições da MacLaren

Filipenses

UM ESTRITO ENTRE DOIS

Php 1: 21-25 .

Um pregador pode muito bem recuar desse texto. Sua elevação dos sentimentos e a música da expressão fazem com que todos os sermões soem débeis e severos, como um pobre cachimbo de pastor atrás de um órgão. Mas, embora isso seja verdade, pode não ser inútil tentar, pelo menos, apontar o curso do pensamento nessas grandes palavras. Eles fluem como um grande rio, que nasce primeiro com um forte jato de alguma caverna profunda, depois é rasgado e esfolado entre as rochas que se dividem

e, depois de um curso intermediário conturbado, se move finalmente com uma corrente imponente e equitativa para o mar. Os pensamentos e sentimentos do apóstolo têm aqui, por assim dizer, uma tríplice inclinação em seu fluxo. Primeiro, temos a afirmação clara e sem hesitação das vantagens comparativas da vida e da morte para um homem cristão, quando pensado como se afetando sozinho. Um é Cristo, o outro ganho. Mas não vivemos nem morremos para nós mesmos; e nenhum homem tem o direito de pensar na vida

ou na morte apenas do ponto de vista de sua própria vantagem. Portanto, o problema não é tão simples quanto parecia. A vida aqui é a condição do trabalho frutífero aqui. Existem seus irmãos e seu trabalho em que pensar. Isso o leva a uma posição e verifica o desejo crescente. Ele não sabe qual estado preferir. O riacho é represado de volta entre as rochas, irrita e espuma e parece se perder entre elas. Então vem uma terceira curva no fluxo de pensamentos e sentimentos, e ele compreende com prazer que é seu dever atual permanecer em seu trabalho. Se sua própria

em seu trabalho. Se sua própria alegria é assim menor, a de seus irmãos será maior. Se ele não partir e ficar com Cristo, ele permanecerá e estará com os amigos de Cristo, que, de alguma forma, também está com Ele. Se ele não tiver o ganho da morte, terá o fruto do trabalho na vida.

Vamos tentar preencher, de certa forma, esse contorno escasso do fluxo quente que flui através dessas grandes palavras.

I. A simplicidade da comparação entre vida e morte com um cristão que

pensa em si mesmo.

'Para mim' é claramente enfático. Significa mais do que "no meu julgamento" ou mesmo "no meu caso". É igual a "Para mim pessoalmente, se eu estivesse sozinho e não tivesse ninguém a considerar além de mim mesmo". "Viver" refere-se principalmente aqui à vida prática externa de serviço, e "morrer" deveria, talvez, ser "estar morto", referindo-se não ao ato de dissolução, mas ao estado posterior; não para a câmara de entrada, mas para o palácio ao qual admite.

Portanto, aqui expus grandemente a simplicidade e a unidade da vida cristã. Embora as palavras provavelmente se refiram principalmente à vida externa, elas pressupõem uma interior, da qual essa externa é a expressão. Em todas as fases possíveis da palavra "vida", Cristo é a vida do cristão. Viver é Cristo, pois Ele é a fonte mística de quem todo o nosso flui. 'Contigo é a fonte da vida', e toda a vida, tanto do corpo como do espírito, é Dele, por Ele e Nele. 'Viver é Cristo', pois Ele é o objetivo e o objetivo, assim como o Senhor, de tudo, e

nenhum outro vale a pena chamar vida, mas o que é para Ele por consagração voluntária, e dele por constante derivação. 'Viver é Cristo', pois Ele é o modelo de toda a nossa vida, e a única lei que basta para nós é segui-Lo.

A vida deve ser como Cristo, para Cristo, por, dentro e de Cristo. Portanto, haverá força, paz e liberdade em nossos dias. A unidade trazida à vida assim resultará em bênção calma, contrastando maravilhosamente com os corações e objetivos divididos que fragmentam nossos dias em fragmentos e

transformam nossas vidas em amontoados de elos quebrados em vez de correntes.

Certamente este é o encanto que traz descanso à história mais conturbada e nobreza aos deveres mais humildes. Não há nada tão grandioso quanto a unidade soprada em nossos dias mais distraídos pela referência onipresente e presença de Cristo. Sem isso, somos como os marinheiros do velho mundo, que rastejam timidamente de promontório a promontório, fazendo cada um deles seu objetivo por um tempo e deixando cada um

tempo e deixando cada um inevitavelmente para trás, nunca perdendo de vista a costa, nem conhecendo as maravilhas do fundo e toda a majestade do meio do oceano, nem sempre tocando as margens felizes além, às quais alcançam os que carregam em seus corações uma bússola que sempre aponta para o pólo invisível.

Então vem o outro grande pensamento, que onde a vida é simplesmente Cristo, a morte será simplesmente ganho.

Paulo, sem dúvida, encolheu-se com o ato da morte, como todos nós. Não foi a passagem estreita

que o atraiu, mas a vasta terra além. Todos os outros aspectos disso foram engolidos por um grande pensamento, que nos ocupará mais amplamente atualmente. Mas essa palavra 'ganho' sugere que, para a fé confiante de Paulo, a morte não passava de um aumento e progressão em tudo que era bom aqui. Para ele, não era perda perder carne, sentido e todas as alegrias fugazes com as quais eles nos ligam. Para ele, a morte não era destruição de seu ser, nem mesmo uma interrupção de sua continuidade. Tudo o que era de

alguma vantagem real para ele era o que procurava como antes. A mudança foi um ganho claro. Tudo de bom deveria ser exatamente como tinha sido, só que melhor. Nada devia ser descartado, mas o que era progresso a perder, e o que quer que fosse mantido, deveria ser aumentado.

Quão fortemente essa visão expressa os dois pensamentos sobre a continuidade e intensificação da vida cristã além do túmulo! E que contraste essa confiança simples e sublime apresenta a muitos outros pensamentos sobre a

morte! Para quantos homens sua escuridão parece ser a repentina absorção da luz de seu próprio ser! Para quantos mais parece pôr um fim a todas as suas ocupações e dividir suas vidas em dois, tão sem remorso quanto a queda da guilhotina separa a cabeça do corpo. Como estão as leves asas de borboleta das trivialidades em que muitos homens e mulheres passam seus dias para carregá-las pelo terrível abismo? O que as pessoas devem fazer do outro lado, cujas vidas foram dedicadas a propósitos e tarefas que param nesse lado? Existem

lojas e fábricas, ou armazéns e salas de estar, ou estudos e salas de aula por lá? As vidas que não atingiram suas raízes através de todo o solo superficial até a rocha suportarão o transplante? Ai! pois os milhares desembarcaram naquele novo país, tão impróprio para ele pelo teor de suas ocupações passadas, como algum artesão pálido, com dedos delicados e músculos fracos, estabeleceu-se como um colono para limpar a floresta!

Este Paulo teve um trabalho aqui que ele poderia continuar a

seguir. Não haveria inversão de visão, nem mudança no caráter fundamental de suas ocupações. É verdade que as formas especiais de trabalho que ele havia perseguido aqui seriam deixadas para trás, mas o princípio subjacente a elas continuaria. Pouco importa para o criado se ele está no frio e úmido 'arando e cuidando de gado' ou se ele está esperando seu mestre à mesa. É serviço da mesma forma, só que é mais quente e mais leve na casa do que no campo, e é uma promoção ser feito um servo interno.

Assim, a direção da vida, a fonte da vida e os fundamentos da vida permanecem inalterados. Tudo é como era, apenas no grau superlativo. Para outros homens, a estreita planície em que suas vidas baixas são colocadas é cercada por picos brancos e proibidos. Está frio e triste nesses cumes gelados onde nenhuma criatura pode viver. Talvez haja terra do outro lado; quem sabe? A barreira pálida separa tudo aqui de tudo lá; não sabemos o que pode estar do outro lado. Apenas sentimos que a jornada é longa e fria, que o gelo e a pedra

estéril são apavorantes e que nunca podemos carregar nossos bens domésticos, nossas ferramentas ou nossa riqueza conosco até as garras negras do desfiladeiro.

Mas, para este homem, os Alpes foram canalizados. Não houve interrupção em seu progresso. Ele acreditava que ele iria sem 'quebra de medida' e atravessaria a escuridão, mal sabendo quando chegaria e certamente desmarcado por um momento, exatamente do outro lado de onde sairia, como viajantes a viajar. A Itália faz, para planícies mais justas e céus

para planícies mais justas e céus mais azuis, para colheitas mais ricas e um sol mais quente.
Paulo não esperou que a morte o trouxesse, nem sacudida, nem pausa, nem suspensão momentânea da consciência, nem inversão nem interrupção de suas atividades, mas apenas a continuidade e o aumento de tudo o que era essencial para sua vida.

Ele tem calma em sua confiança. Não há nada histérico, exagerado ou mórbido nessas breves palavras, tão pacíficas em sua confiança, tão moderadas e contidas em seu êxtase. Nessas antecipações da

êxtase. Nossas antecipações do futuro são moldadas nesse padrão? Pensamos nisso tão silenciosamente quanto esse homem? Temos tanta certeza disso? Existe tão pouca névoa de incerteza sobre a imagem claramente definida em nossos olhos quanto a dele? Nossa confiança é tão profunda que esses breves monossílabos são suficientes para afirmar isso? Acima de tudo, sabemos que morrer será ganho, porque podemos dizer honestamente que viver é Cristo? Nesse caso, nossa esperança é válida e não cederá quando nos apoiarmos fortemente nela para obter

fortemente nela para obter apoio no vau sobre a corrente negra. Se nossa esperança se basear em algo além disso, ela se romperá como um poste podre e nos deixará tropeçar indefesos entre as pedras escorregadias e a torrente gelada.

II O segundo movimento de pensamento aqui, que perturba e complica essa simples decisão, quanto ao que é melhor para o próprio Paulo, é a hesitação que surge do desejo de ajudar seus irmãos.

Como dissemos, nenhum

homem tem o direito de esquecer os outros ao resolver a questão de viver ou morrer. Vemos o apóstolo aqui posto de pé por duas correntes conflitantes de sentimentos. Por si mesmo, ele iria com prazer, pelo bem de seus amigos, ele é atraído pela escolha oposta. Ele "caiu em um lugar onde dois mares se encontram" e, por um minuto ou dois, sua vontade é golpeada de um lado para o outro pela "violência das ondas". A obscuridade de sua linguagem, decorrente de sua construção quebrada, corresponde à luta de seus

sentimentos. Como a Versão Revisada diz, 'Se viver na carne - se esse é o fruto do meu trabalho, então o que devo escolher, não o faço'. Por qual sentença fragmentária, representando corretamente a aspereza do grego, entendemos que ele quer dizer que, se viver nesta vida é a condição de obter frutos de seu trabalho, ele precisa verificar o desejo crescente e é impedido de preferência decisiva de qualquer maneira. Ambos os motivos agem sobre ele, um puxando-o para a morte, o outro segurando-o firmemente aqui.

Ele está em um dilema, preso, por assim dizer, entre as duas pressões opostas. Por um lado, ele tem o desejo (não 'um desejo', como a Bíblia inglesa tem, como se fosse apenas um dentre muitos} voltados para partir para estar com Cristo; por outro lado, ele sabe que o fato de permanecer aqui é, no momento, praticamente indispensável para a fé imatura das igrejas que ele fundou. Então ele fica em dúvida por um momento, e a imagem de sua hesitação pode muito bem ser estudada por nós.

Essa razão para desejar morrer

em conflito com uma razão para querer viver é tão nobre quanto rara e, graças a Deus, tão imitativa quanto nobre.

Observe o aspecto que a morte usava para sua fé. Ele fala disso como 'partida', uma metáfora que, como muitas das apelações lisonjeiras que os homens dão ao último inimigo, revela um pavor tremendo que não suporta olhar para ele em seu rosto pálido e pálido. Paulo o chama de nomes gentis, porque ele não o teme. Para ele, todo o pavor, o mistério, a dor e a solidão desapareceram e a morte se tornou uma mera

mudança de lugar. A palavra significa literalmente soltar, e é empregada para expressar puxar as estacas de um acampamento em movimento ou levantar a âncora de um navio. Em ambos os casos, a imagem é simplesmente a de remoção. Está apenas atingindo a casa terrestre desta tenda; é apenas mais uma marcha de um dia, da qual já tivemos muitas, apesar de estar sobre o Jordão. É apenas a jornada do último dia, e amanhã não haverá mais as malas pela manhã e a retomada de nossa caminhada cansada, mas estaremos em

casa e não sairemos mais. Assim, a coisa horrível no final diminuiu, e quanto mais brilhante e maior a terra atrás dela brilhar, menor será a aparência.

O apóstolo pensa pouco em morrer porque pensa muito no que vem depois. Quem tem medo de uma breve jornada se um encontro com amigos queridos há muito tempo está no fim? A avenida estreita parece curta, e sua aspereza e escuridão não são nada, porque Jesus Cristo está de pé com os braços estendidos do outro lado, chamando-nos a Si

mesmo, enquanto as mães ensinam seus filhos a andar. Todo aquele que tem certeza de que estará com Cristo pode se dar ao luxo de sorrir para a morte, e chamar isso de uma mudança de lugar. E todo aquele que sente o desejo de estar com Cristo não vai se afastar dos meios pelos quais esse desejo é realizado, com a agonia da repulsa que excita em muitas imaginações. Sempre será solene, e seus acompanhamentos físicos de dor e luta sempre serão mais ou menos um terror, e a separação, mesmo que por algum tempo,

de nossos entes queridos, sempre será uma perda, mas, mesmo assim, se virmos Cristo através o abismo, e sabemos que um luta mais e nós o abraçaremos com 'mãos inseparáveis com alegria e bem-aventurança em excesso para sempre', não temeremos o salto.

Um pensamento sobre o futuro deve preencher nossas mentes, como Paulo, que é estar com Cristo. Quão diferente é essa expectativa nobremente simples, que resolve toda a felicidade no elemento único, é da curiosidade mórbida quanto

aos detalhes, que vulgarizam e enfraquecem tanto a antecipação devota do futuro. Para nós, como ele, o céu deve ser Cristo, e Cristo deve ser o céu. Todo o resto é apenas acidente. Harpas e coroas douradas, maná oculto, mantos e tronos brancos e todas as outras representações são apenas símbolos da bem-aventurança da união com Ele, ou suas conseqüências. A vida imortal e o crescimento na perfeição, tanto da mente como do coração, e a cessação de tudo o que perturba, e nossa investidura em glória e honra,

lançada em torno de nossas pobres naturezas como uma túnica real sobre um corpo nu, são todos os que têm muitos lados. resplandecentes que derramam dele e banham em sua luz do arco-íris aqueles que estão com ele.

Estar com Cristo é tudo o que precisamos. Para o coração amoroso estar perto dEle é suficiente.

'Eu te abraçarei de novo, ó alma da minha alma, e com Deus seja o resto.'

Não desperdiçamos nossa imaginação e nossas esperanças

nos acompanhamentos subordinados e não essenciais, mas concentramos toda a sua energia no único pensamento central. Não vamos perder esta imagem graciosa em um labirinto de símbolos que, embora preciosos, são secundários. Não indagemos, com curiosidade que não encontrará resposta, sobre as maravilhas não reveladas e os mistérios surpreendentes desse pensamento transcendente, a vida eterna. Não vamos adquirir o hábito de pensar no futuro como o aperfeiçoamento de nossa humanidade, sem

conectar todas as nossas especulações a Ele, cuja presença será todo o céu para todos nós. Mas vamos manter Sua figura serena sempre clara diante de nossas imaginações em todo o clarão da luz, e tentar alimentar nossas esperanças e permanecer nossos corações nesse aspecto da bem-aventurança celestial como o todo-abrangente, que tudo, cada um para si, deve estar sempre consciente da presença amorosa de Cristo e da união mais próxima com Ele, uma união em comparação com a qual as mais queridas e

sagradas combinações de coração com coração e vida com vida são frias e distantes. Para a clareza da nossa esperança, quanto menos os detalhes, melhor: para a disposição com a qual abandonamos a vida e enfrentamos o fim inevitável, é muito importante que tenhamos esse pensamento desvinculado de todos os outros. A lua cheia, que escurece todas as estrelas, atrai as marés depois dela. Essas luzes menores podem gemer a escuridão e lançar raios brancos de brilho em reflexos trêmulos nas ondas, mas eles não têm poder para mover sua massa. É

poder para mover sua massa. É Cristo e somente Cristo que nos atrai através do golfo para estar com Ele, e reduz a morte a um mero deslocamento de nosso acampamento.

Essa é uma razão nobre e digna para se querer morrer; não porque Paulo está decepcionado e cansado da vida, não porque ele está sobrecarregado de tristeza, dor ou perda ou labuta, mas porque ele gostaria de estar com seu Mestre. Ele não é sentimentalista mórbido, não nutre nenhum desejo prejudicial, não está cansado do

trabalho, não se entrega a nenhum êxtase histérico de desejo. Que simplicidade eloquente é essa calma 'muito melhor!' Vai direto ao coração e diz mais do que parágrafos de anseios de falsete. Não há nada em tal desejo de morrer, com base em tal razão, que a piedade mais viril e saudável precisa ter vergonha. É um padrão para todos nós.

A atração da vida lida com a atração do céu nesses versículos. Esse é um conflito sobre o qual muitos homens de bem sabem algo, mas que não toma a forma com muitos de

nós, que assumiu com Paulo. Atraído, como ele é, pelo supremo desejo de estreita união com seu Mestre, pelo qual ele está pronto para partir, ele é puxado ainda mais fortemente pelo pensamento de que, se ele ficar aqui, poderá continuar trabalhando e obtendo resultados de seu trabalho. Não se segue que ele não esperava serviço se estivesse com Cristo. Podemos ter certeza de que o paraíso de Paulo não era um paraíso ocioso, mas de atividade feliz e serviço maior. Mas ele não poderá ajudar esses queridos amigos de Filipos e de

outros lugares que precisam dele, como ele sabe. Então, o amor por eles arrasta suas saias e o amarra aqui.

Dificilmente se pode perder o notável contraste entre Paulo: 'Permanecer na carne é mais necessário para você' e o ditado do Mestre de Paulo para as pessoas que seguramente precisavam de Sua presença mais do que Filipos precisou de Paulo: 'É conveniente para você que eu vá longe.' Este não é o lugar para descobrir o profundo significado do contraste, e as questões que se colocam sobre se Cristo esperava que sua obra

fosse concluída e que sua utilidade terminasse com a morte, como Paulo fez com ele. Basta ter sugerido a comparação.

Voltando ao nosso texto, essa razão de querer morrer, controlada e vencida por essa razão de querer viver, é grande e nobre. Há poucos de nós que não possuiríamos a atração mais poderosa da vida; mas quantos de nós que sentimos que, para nós pessoalmente, se fôssemos livres para pensar apenas em nós mesmos, estaríamos felizes em ir, porque deveríamos estar mais próximos

deveríamos estar mais próximos de Cristo, mas que hesitamos pelo bem de outras pessoas que pensamos nós podemos ajudar! Muitos de nós se agarram à vida com uma embreagem desesperada, como um pobre coitado empurrando um precipício e tentando cravar as unhas na rocha enquanto ele cai. Alguns de nós se apegam a isso porque tememos o que está além, e nosso desejo de viver é a medida do nosso medo de morrer. Mas Paulo não esperava uma espessa escuridão de julgamento ou nada. Ele viu nas trevas uma grande luz, a luz nas janelas da casa de seu pai, e, no

entanto, voltou-se voluntariamente para o trabalho no campo, e estava mais do que contente em continuar contanto que pudesse fazer qualquer coisa com seu trabalho. . Bem-aventurados os que compartilham seu desejo de partir e sua disposição vitoriosa de ficar aqui e trabalhar! Eles descobrirão que essa vida na carne também está com Cristo.

III Assim, o fluxo de pensamento passa as corredeiras e flui sem problemas para sua fase final de aquiescência pacífica.

Isso é expresso muito bem no versículo final: 'Tendo essa confiança, eu sei que devo permanecer e continuar com todos vocês, por sua promoção e alegria na fé'. O eu é tão inteiramente vencido que deixa de lado o próprio desejo de entrar na alegria deles e se alegra com eles. Ele ainda não pode ter para si a bênção que seu espírito busca. Bem, seja assim; Ele vai parar aqui e encontrar uma bem-aventurança ao vê-los crescer na confiança e no conhecimento de Cristo e na alegria que daí advém. Ele desiste da esperança

daquela companhia superior com Jesus que o atraiu tão poderosamente. Bem, seja assim; ele terá companhia com seus irmãos, e 'permanecer com todos vocês' pode achar, mesmo antes do dia final do relato, que 'visitar' os pequeninos de Cristo é visitá-lo. Portanto, ele funde seus desejos opostos em um. Ele não está mais entre dois, ou não sabe o que escolher. Ele não escolhe nada, mas aceita a nomeação de uma sabedoria superior. Há descanso para ele, como para nós, cessando de nossos próprios desejos e colocando nossas vontades silenciosas e passivas aos Seus

silenciosas e passivas aos Seus pés.

A verdadeira atitude para nós, na qual encarar o futuro desconhecido, com suas possibilidades sombrias, e especialmente a alternativa suprema da vida ou da morte, não é desejo nem relutância, nem hesitação composta de ambos, mas aquiescência de confiança. Tal temperamento está longe de ser indiferente e longe de agitação. Em todas as coisas, e principalmente em relação a esses assuntos, é melhor manter o desejo em equilíbrio até que Deus fale. Não se torture com esperanças ou

se torture com esperanças ou medos. Eles nos fazem seus escravos. Coloque sua mão na mão de Deus e deixe que Ele o guie como quiser. Desejos são maus timoneiros. Só estamos em paz quando desejos e temores são, se não extintos, em todos os eventos mantidos firmemente. Descanso, sabedoria e força vêm com aquiescência. Digamos com Richard Baxter, em suas simples e nobres palavras:

'Senhor, isso não pertence aos meus cuidados. Se eu morro ou vivo; Amar e Te servir é minha parte, e que Tua graça deve dar.

Também podemos aprender que podemos ter certeza de que seremos deixados aqui pelo tempo que for necessário. Paulo sabia que sua permanência era necessária, para que ele pudesse dizer: 'Eu sei que vou ficar com você'. Não o fazemos, mas podemos ter certeza de que, se a nossa estadia for necessária, devemos obedecer. Sempre somos tentados a nos achar indispensáveis, mas, graças a Deus, ninguém é necessário. Não há perdas irreparáveis, por mais difícil que seja acreditar. Observamos nosso trabalho, nossas famílias,

nossos negócios, nossas congregações, nossos assuntos de estudo e dizemos para nós mesmos: 'O que será deles quando eu partir? Tudo desmoronaria se eu fosse retirada. Não tenha medo. Depende, você será deixado aqui enquanto quiser. Não há vidas incompletas nem remoções prematuras. Para os olhos da fé, a coluna quebrada em nossos cemitérios é uma falsidade sentimental. Nenhuma vida cristã é interrompida assim, mas sobe em um eixo simétrico, e sua capital é adornada com flores de amaranto no céu. Em

certo sentido, toda a nossa vida é incompleta, pois eles e seus problemas estão acima, fora da nossa vista aqui. Em outra, nenhuma é, pois somos "imortais até que nosso trabalho seja feito".

A verdadeira atitude, então, para nós é o serviço paciente, até que Ele nos retire do campo. Não o consideramos um servo diligente que está sempre cansado pela hora de parar em greve. Seja nosso trabalhar onde Ele nos coloca, esperando pacientemente até que o 'leve toque de recolher da morte' nos liberte do longo dia de trabalho

e nos envie para casa.

Irmãos! existem apenas duas teorias da vida; dois aspectos correspondentes da morte. A pessoa diz: 'Para mim, viver é Cristo, e morrer ganho'; o outro: "Para mim, viver é eu mesmo, e morrer é perda e desespero". Um ou outro deve ser sua escolha. Qual?

Comentário de Benson

Php 1: 21-23 . *Para mim, viver é Cristo* - como minha vida, natural e espiritual, é de Cristo, então servi-lo e apreciá-lo é o fim supremo da minha vida, e

eu o valorizo apenas porque é capaz de ser empregado em glorificá-lo. , conhecer, amar e seguir quem, é minha glória e minha alegria. *Mas se eu vivo na carne,* etc. - Aqui ele começa a tratar da cláusula anterior do versículo anterior: do último ele trata Php 2:17 . *Este é o fruto do meu trabalho* - Este é o fruto da minha vida por mais tempo, para que eu possa trabalhar mais. Trabalho glorioso, fruto desejável! Nesta visão, a vida longa é realmente uma bênção. *No entanto, o que devo escolher não sei* - isto é, se fosse deixado por minha própria escolha. *Pois estou em um estreito entre dois -*

As duas coisas mencionadas imediatamente. A expressão original, **συνεχομαι εκ των δυο** , é traduzida por Doddridge. *Sou levada a duas maneiras diferentes,* sendo, ele pensa, uma alusão a um navio estacionado em um determinado local, e ancorado, e ao mesmo tempo propenso a ser forçado ao mar pela violência dos ventos; apresentando-nos uma representação vívida do apego do apóstolo à sua situação na Igreja Cristã e a veemência de seu desejo de ser *ilimitado,* como **αναλυσαι** pode ser

traduzido, ou seja, pesar âncora e zarpar para o país celestial. *Ter um desejo* - **Επιθυμιαν** , *um desejo* **cobiçoso** ou *forte* , como Macknight traduz a palavra; veja em 2 Coríntios 5: 4 ; 2 Coríntios 5: 8 : *partir* - Separar minha alma do meu corpo e escapar dos laços, da carne e do mundo; *e estar com Cristo* - No paraíso, Lucas 23:43 ; admitido para o gozo imediato, completo e constante dele, em comparação com o acesso mais próximo a ele e o gozo mais completo dele neste mundo, são apenas ausência. *O que é muito melhor* - em grego, **πολλω μαλλον**

κρεισσον , *de longe , muito melhor.* Ou, como o Dr. Doddridge processa a cláusula, *é melhor além de toda expressão.* De fato, como observa o médico, o apóstolo parece trabalhar pela expressão, usando o superlativo mais alto que talvez seja possível formar em qualquer idioma. É justamente observado pelo último escritor mencionado, que este texto prova claramente que os espíritos separados dos homens bons estão com Cristo imediatamente após a morte de seus corpos, de tal maneira que seu estado é muito melhor do

que enquanto eles continuam neste mundo. ; que certamente não pode ser um estado de insensibilidade, ou o sono da alma, que alguns sustentam. Alguns de fato pensam que o apóstolo pode falar assim, embora a alma afunde na insenibilidade na morte; porque, digamos, nesse caso, o tempo entre a morte e o julgamento deve ser considerado como nada. Mas, como o Dr. Whitby observa justamente: "São Paulo poderia pensar em um estado de insensibilidade muito melhor do que uma vida tendendo tanto quanto a sua à glória de Deus, à propagação do

Deus, a propagação do evangelho e à promoção da alegria de Deus? Cristãos? Ele poderia chamar um estado tão insensato de *ser com Cristo* e *andar à vista,* em oposição à vida de fé? " 2 Coríntios 5: 7-8 . Certamente é pelo menos evidente pelo que o apóstolo aqui diz: se existe um estado intermediário de insensibilidade entre a morte e a ressurreição, ele não tinha conhecimento ou expectativa disso; pois se ele soubesse de tal estado, sem dúvida teria pensado mil vezes melhor viver e promover a causa de Cristo e religião na Terra do que morrendo de

vontade de cair nela. Além disso, como ele poderia dizer que desejava estar com Cristo, se sabia que não deveria estar com ele até depois da ressurreição? Isso, no entanto, não desmente a doutrina que sustenta que os homens piedosos receberão uma grande adesão de felicidade após a ressurreição: uma verdade declarada em muitas outras passagens das Escrituras. “O uso da filosofia, já foi dito, é ensinar os homens a morrer. Mas, como Fielding observou, uma página do evangelho é mais eficaz para esse propósito do que volumes

de filosofia. A certeza que o evangelho nos dá de outra vida é, para uma boa mente, um apoio muito mais forte do que o consolo estóico retirado da necessidade da natureza, da ordem das coisas, do vazio de nossos prazeres, da saciedade que ocasionam, e muitos outros tópicos, que, embora possam armar a mente com paciência obstinada em suportar o pensamento da morte, nunca podem elevá-la a um desprezo fixo, muito menos podem nos fazer considerá-lo um bem real e nos inspirar com o desejo de morrer, como o apóstolo nesta

ocasião expressou fortemente.
"- Macknight.

Comentário conciso de Matthew Henry

1: 21-26 A morte é uma grande perda para um homem carnal e mundano, pois ele perde todos os seus confortos terrenos e todas as suas esperanças; mas para um verdadeiro crente é ganho, pois é o fim de toda a sua fraqueza e miséria. Livra-o de todos os males da vida e leva-o a possuir o bem principal. A dificuldade do apóstolo não era entre viver neste mundo e viver no céu; entre esses dois

não há comparação; mas entre servir a Cristo neste mundo e desfrutá-lo em outro. Não entre duas coisas más, mas entre duas coisas boas; vivendo para Cristo e estando com ele. Veja o poder da fé e da graça divina; Isso pode nos deixar dispostos a morrer. Neste mundo somos cercados pelo pecado; mas quando com Cristo escaparemos do pecado e da tentação, da tristeza e da morte, para sempre. Mas aqueles que têm mais motivos para desejar partir devem estar dispostos a permanecer no mundo enquanto Deus tiver algum trabalho para eles fazerem. E

trabalho para eles fazerem. E quanto mais inesperadas misericórdias existirem antes que elas venham, mais Deus será visto nelas.

Notas de Barnes sobre a Bíblia

Pois para mim viver é Cristo - Meu único objetivo na vida é glorificar a Cristo.Ele é o fim supremo da minha vida, e eu o valorizo apenas como sendo dedicado à sua honra - Doddridge. Seu objetivo não era honra, aprendizado, ouro, prazer; foi glorificar o Senhor Jesus. Esse era o único objetivo de sua alma - um objetivo ao

de sua alma - um objetivo ao qual ele se dedicou com tanta solidez e ardor como sempre, um avarento à busca do ouro, ou um devoto de prazer à diversão ou um aspirante à fama à ambição. Isso implicava o seguinte:

(1) um propósito de conhecer o máximo possível de Cristo - familiarizar-se o máximo possível com sua posição, seu caráter, seus planos, as relações que ele sustentava com o Pai e com as reivindicações. e influências de sua religião; veja Filipenses 3:10 ; Efésios 3:19 ; compare João 17: 3 .

(2) a purpose to imitate Christ - to make him the model of his life. It was a design that his Spirit should reign in his heart, that the same temper should actuate him, and that the same great end should be constantly had in view.

(3) a purpose to make his religion known, as far as possible, among mankind. To this, Paul seriously gave his life, and devoted his great talents. His aim was to see on bow many minds he could impress the sentiments of the Christian religion; to see to how many of

religion, to see to how many of the human family he could make Christ known, to whom he was unknown before. Never was there a man who gave himself with more ardor to any enterprise, than Paul did to this; and never was one more successful, in any undertaking, than he was in this.

(4) it was a purpose to enjoy Christ. He drew his comforts from him. His happiness he found in communion with him. It was not in the works of art; not in the pursuits of elegant literature; not in the frivolous and fashionable world; but it

was in communion with the Saviour, and in endeavoring to please him.

Remarks On Philippians 1:21

(1) Paul never had occasion to regret this course. It produced no sadness when he looked over his life. He never felt that he had had an unworthy aim of living; he did not wish that his purpose had been different when he came to die.

(2) if it was Paul's duty thus to live, it is no less that of every Christian. What was there in his case that made it his duty to

"live unto Christ," which does not exist in the case of every sincere Christian on earth? No believer, when he comes to die, will regret that he has lived unto Christ; but how many, alas, regret that this has not been the aim and purpose of their souls!

And to die is gain - Compare Revelation 14:13 . A sentiment similar to this occurs frequently in the Greek and Latin classic writers. See Wetstein, in loc., who has collected numerous such passages. With them, the sentiment had its origin in the belief that they would be freed from suffering, and admitted to

from suffering, and admitted to some happy world beyond the grave. To them, however, all this was conjecture and uncertainty. The word "gain," here, means profit, advantage; and the meaning is, there would be an advantage in dying above that of living. Important benefits would result to him personally, should he die; and the only reason why he should wish at all to live was, that he might be the means of benefiting others; Philippians 1:24-25 . But how would it be gain to die? What advantage would there be in Paul's circumstances? What in ours? It may be answered, that it

will be gain for a Christian to die in the following respects:

(1) He will be then freed from sin. Here it is the source of perpetual humiliation and sorrow; in heaven be will sin no more.

(2) he will be freed from doubts about his condition. Here the best are liable to doubts about their personal piety, and often experience many an anxious hour in reference to this point; in heaven, doubt will be known no more.

(3) he will be freed from

temptation. Here, no one knows when he may be tempted, nor how powerful the temptation may be; in heaven, there will be no allurement to lead him astray; no artful, cunning, and skillful votaries of pleasure to place inducements before him to sin; and no heart to yield to them, if there were.

(4) he will be delivered from all his enemies - from the slanderer, the calumniator, the persecutor. Here the Christian is constantly liable to have his motives called in question, or to be met with detraction and

slander; there, there will be none to do him injustice; all will rejoice in the belief that he is pure,

(5) He will be delivered from suffering. Here he is constantly liable to it. His health fails, his friends die, his mind is sad. There, there shall be no separation of friends, no sickness, and no tears.

continued...

Comentário da Bíblia de Jamieson-Fausset-Brown

21. Pois - em qualquer um dos casos (Filipenses 1:20) eu devo

ser o ganhador, "Para mim", etc.

viver é Cristo - qualquer que seja a vida, o tempo e a força que tenho, é de Cristo; Cristo é o único objetivo para o qual vivo (Gál 2:20).

morrer é ganho - não o ato de morrer, mas como o grego ("ter morrido") expressa, o estado após a morte. Além da glorificação de Cristo por minha morte, que é meu principal objetivo (Filipenses 1:20), a mudança de estado causada pela morte, longe de ser uma questão de vergonha (Filipenses 1:20) ou perda, como supõem

1:20) ou perda, como supõem meus inimigos , será um "ganho" positivo para mim.

Comentários de Matthew Poole

Alguns leem: Porque Cristo é meu ganho na vida e na morte; ou: Pois Cristo é para mim tanto na vida quanto na vantagem da morte. Ambos reconhecem que isso foi trazido como uma razão da esperança de Paulo na vida e na morte; e de sua indiferença, em submissão ao prazer de Deus, na vida e na morte, sugerindo que tudo era um para ele, de modo que Cristo foi engrandecido em seu corpo

engrandecido em seu corpo, fosse pela vida ou pela morte. Os que seguem nossa tradução expõem a proposição de maneira disjuntiva; o primeiro se refere à honra de Cristo, e o segundo à salvação de Paulo, que é entendida pelo nome de *ganho.* Alguns entendem o ramo anterior de maneira eficiente: q eu me deriva de Cristo, a quem estou unido, sendo ele o princípio dele, como **Gálatas 2:20.**; mas outros, de maneira objetiva e finalmente, qd Como até agora fiz parte da vida de servir a Cristo na pregação de seu evangelho, assim, se ele continuar minha vida, proponho

continuar minha vida, proponho que em meu corpo vivo, pregando seu evangelho e sofrendo por seu nome, como ele exige, será glorificado. Então, para o último ramo, se eu morrer, em prestar testemunho de Cristo, será ganho para mim mesmo, pois estarei com Cristo, o que é melhor para mim, **Filipenses 1:23** , estando *presente com o Senhor,* 2 Coríntios 5: 8 , em quem minha *vida está escondida,* Colossenses 3: 3. Para que a morte não empobrecesse, mas o enriquecesse. Aqueles que escolhem a última leitura, tomam a proposição

conjuntamente, no sentido de que ele lhe atribuía lucro, de ter a honra de Cristo magnificada em seu corpo, quer lhe acontecesse viver ou morrer, já que ele o serviu fielmente morrendo e possuía a si mesmo como sendo os dois lados, **Romanos 14: 8** . Ele não foi (como diz em outro lugar, **Atos 20:24**) comovido com acidentes; nem contou ele a sua *cara vida* a ele *para testemunhar o evangelho da graça de Deus;*calculando que ele não tinha vida, senão de Cristo, a quem ele tinha o dever de servir e desfrutar; para que, se continuasse no corpo, Cristo

ganharia, na medida em que pretendia passar a vida pela edificação de sua igreja; e se ele morresse nessa causa, Cristo ganharia com sua morte, pois sua verdade seria, pelo sangue daquele que era um mártir, mais selado, e seu interesse promovido, e sua glória aumentada; e ele próprio obteria, uma vez que, ao partir, deveria ser promovido *a estar com Cristo,* **Filipenses 1:23** , que sozinho faz seus servos fiéis felizes na vida e na morte.

Exposição de Gill de toda a Bíblia

Para mim, viver é Cristo. (...) Cristo era sua vida "eficientemente", a causa eficiente e autor de sua vida espiritual; ele falou com ele, produziu nele e o disciplinou com ele: e ele era sua vida, objetivamente, a matéria e o objeto de sua vida, aquilo em que ele vivia; sim, não foi tanto ele quem viveu, como Cristo que viveu nele; ele viveu pela fé em Cristo, e sua vida espiritual foi mantida e sustentada, alimentando-se dele como o pão da vida: e ele era sua vida, "finalmente", o fim de sua vida; o que ele visou ao longo de todo

o curso de sua vida foi a glória de Cristo, o bem de sua igreja e povo, a expansão de seu Evangelho, a honra de seu nome e o aumento de seu interesse; e este último parece ser o verdadeiro sentido da frase aqui,

and to die is gain; to himself, for death is gain to believers: it is not easy to say what a believer gains by dying; he is released thereby, and delivered from all the troubles and distresses of this life, arising from diseases of body, losses and disappointments in worldly things; from the oppressions

and persecutions of wicked men; from indwelling sin, unbelief, doubts, and fears, and the temptations of Satan; he as soon as dies enters into the presence of God, where is fulness of joy, and is immediately with Christ, which is far better than being here, beholding his glory and enjoying communion with him; he is at once in the company of angels and glorified saints; is possessed of perfect holiness and knowledge; inherits a kingdom prepared from the foundation of the world, and wears a crown of life,

righteousness, and glory; enters upon an inheritance incorruptible and undefiled; is received into everlasting habitations, into mansions of light, life, love, joy, peace, and comfort; is at perfect rest, and surrounded with endless pleasures. This is the common interpretation, and is countenanced by the Syriac, Arabic, and Ethiopic versions, which read, "to die", or "if I die, it is gain to me": but instead of reading the words as consisting of two propositions, they may he considered as one, and the sense be either this; Christ is

gain to me living or dying in life or in death; for Christ is the believer's gain in life; he is all in all, his righteousness, his wisdom, his sanctification, his redemption, his life, his light, his food, his raiment, his riches, his joy, peace, and comfort; he is everything to him he wants, can wish for, or desire: and he is his gain in death; the hope he then has is founded on him, and the triumphs of his faith over death and the grave arise from redemption by him; his expectation is to be immediately with him; and the glory he will then enter into will lie in communion with him, in

communion with him, in conformity to him, and in an everlasting vision of him: or thus, for me to live and to die is Christ's gain; his life being spent in his service, in living according to his will, in preaching his Gospel, serving his churches, and suffering for his sake, was for his glory; and his death being for his sake, in the faith of him, and the steady profession of it, would be what would glorify him, and so be his gain likewise; and this seems to be the genuine sense of the words, which contain a reason of the apostle's faith, why he was persuaded Christ would be

magnified or glorified in his body, whether by life or by death.

Geneva Study Bible

For to me to live is Christ, and to die is gain.

EXEGÉTICO (LÍNGUAS ORIGINAIS)

Comentário de Meyer sobre o NT

Php 1:21 . Justification not of the joy, Php 1:18 (Weiss), which has already been justified in Php 1:19 f., but of the **εἴτε διὰ ζωῆς εἴτε διὰ θανάτου** just expressed: *For to me the living is Christ* , that

For to me the living is Christ , that is, if I remain alive, my prolonged life will be nothing but a life of which the whole essential element and real tenor is Christ (“quicquid vivo, vita naturali, Christum vivo,” Bengel), as the One to whom the whole destination and activity of my life bear reference (comp. on Galatians 2:20); *and the dying* [71] *is gain* , inasmuch as by death I attain to Christ; see Php 1:23 . *Whichever* , therefore, of the two may come to pass, will tend to the free glorification of Christ; *the former* , inasmuch as I continue to labour freely for Christ's glory; *the latter* ,

inasmuch as in the certainty of that gain I shall suffer death with joyful courage. Comp. Corn. Müller, who, however, assumes that in the second clause Paul had the thought: “ *et si mihi moriendum est, moriar Christo, ita etiam morte mea Christus celebratur,* ” but that in the emotion of the discourse he has not expressed this, allowing himself to be carried away by the conception of the *gain* involved in the matter. This assumption is altogether superfluous; for, to the consciousness of the Christian reader, the reference of the

κέρδος to Christ must of itself have been clear and certain. But the idea of *ΚΈΡΔΟς* , which connects itself in the apostle's mind with the thought of death, prevents us from assuming that he meant to say that *it was a matter of no moment* to him personally whether he lived or died (Wiesinger); for on account of the **κέρδος** in death, his own personal wish must have given the preference to the dying (see Php 1:23). Others (Calvin, Beza, Musculus, Er. Schmid, Raphel, Knatchbull, *et al.*) have, moreover, by the non-mention of Christ in the second clause,

been led to the still more erroneous assumption, in opposition both to the words and linguistic usage, that in both clauses Christ is the subject and **κέρδος** the predicate, and that the infinitives with the article are to be explained by ***ΠΡΌς*** or ***ΚΑΤΆ*** , so that *Christ "tam in vita quam in morte lucrum esse praedicatur.* " Lastly, in opposition to the context, Rheinwald and Rilliet take **τὸ ζῆν** as meaning life *in the higher, spiritual* sense, and **καί** as: *and consequently* , which latter interpretation does not harmonize with the preceding alternative **εἴτε** ... **εἴτε** . This explanation is refuted by the

explanation is refuted by the very *ΤΟ ΖῆΝ ἘΝ ΣΑΡΚΊ* which follows in Php 1:22 , since *ἘΝ ΣΑΡΚΊ* contains not an antithesis to the absolute *ΤΟ ΖῆΝ* , but on the contrary a more precise definition of it. Although the *ΔΙᾺ ΘΑΝΆΤΟΥ* and *ΤΟ ἈΠΟΘΑΝΕῖΝ* contrasted with the *ΖῆΝ* , as also Php 1:20 generally, afford decisive evidence against the view that takes *ΤΟ ΖῆΝ* in the *higher ethical* sense, that view has still been adopted by Hofmann, who, notwithstanding the correlation and parallelism of **τὸ ζῆν** and *ΤΟ ἈΠΟΘΑΝΕῖΝ* , oddly supposes that, while *ΤΟ*

ἈΠΟΘΑΝΕῖΝ , is the subject in the second clause, *ΤΟ ΖῆΝ* is yet *predicate* in the first. Like **τὸ ἀποθανεῖν τὸ ζῆν** must be *subject* also.

ἐμοί] is emphatically placed first: *to me* , as regards my own person, though it may be different with others. Comp. the emphatic **ἡμῶν** , Php 3:20 .

For profane parallels to the idea, though of course not to the Christian import, of *ΤΟ ἈΠΟΘΑΝΕῖΝ ΚΈΡΔΟς* ,[72] see Wetstein. Comp. Aelian. *V. H* . iv. 7; Soph. *Ant* . 464 f.; Eur. *Med* . 145

[71] Not *the being dead* (Huther, Schenkel). On the combination of the Inf. *pres* . (continuing) and *aor* . (momentary), comp. Xen. *Mem* . iv. 4. 4 : **προείλετο μᾶλλον τοῖς νόμοις ἐμμένων ἀποθανεῖν ἢ παρανομῶν ζῆν** , Eur. *Or* . 308: **σὺν σοὶ κατθανεῖν αἱρήσομαι καὶ ζῆν** , Epictet. *Enchir* . 12; 2 Corinthians 7:3 . See generally Mätzn. *ad Antiph* . p. 153 f.; Kühner, II. 1, p. 159. The *being dead* would have been expressed, as in Herod. 1:31, by **τεθνάναι** .

[72] Compare also Spiess, *Logos Spermaticos* , 1871, p. 330 f.

Testamento Grego do

Testamento Grego do Expositor

Php 1:21-23 . DEATH OR LIFE MEANS CHRIST FOR HIM.

Bíblia de Cambridge para escolas e faculdades

21–26 . The same subject: the Alternative of Life or Death: Expectation of Life

21 *For* , &c.] He takes up and expands the thought of the alternative just uttered, and the holy "indifference" with which he was able to meet it.

to me] Strongly emphatic in the Greek. It is not self-assertion,

however, but assertion of personal experience of the truth and power of God.

to live is Christ] Luther renders this clause *Christus ist mein Leben;* and so Tyndale, “Christ is to me lyfe”; so also Cranmer, and the Genevan version. The Vulgate has *vivere Christus;* and this, the rendering of AV and RV, is undoubtedly right. For the Apostle, undoubtedly, Christ was life, in the sense of source and secret; see Galatians 2:20 ; Colossians 3:4 . But what he is thinking of here is not the source of life, but the experiences and interests of

living. Living is for him so full of Christ, so preoccupied with Him and for Him, that “Christ” sums it up. Hence the “eager expectation” just expressed; eager, because it has to do with the supreme interest of life.

What the Apostle experienced in his own case is intended to be the experience of every believer, as to its essence. See Colossians 3:17 ; e cp. Ephesians 3:14-21 .

to die is gain] This wonderful saying, uttered without an effort, yet a triumph over man's awful and seemingly always triumphant enemy, is explained

just below.

Gnomen de Bengel

Php 1:21 . **Ἐμοὶ**) *to me* , at the beginning of a section, means, *so far as I am concerned;* for he treated in the preceding verse of what regarded Christ.— **τὸ ζῇν** , **Χριστός** , *to live is Christ*) The article denotes the subject, as again in the next clause. Whatever may be the life I live (in the natural life), its principle and end is Christ.[10] [*While I live in the world I consider the cause of Christ to be my own* .—V. g.]— **τὸ ἀποθανεῖν κέρδος** , *to die is gain*) Although in dying I

seem to suffer the *loss* of all things.

[10] Literally, *I live Christ* . “Christum vivo.”

Comentários do púlpito

Verse 21. - For to me to live is Christ, and to die is gain . Others, as Calvin, render (not so well), "For to me Christ is gain both in life and in death." The alternative suggested in Ver. 20 leads St. Paul to a short digression on the comparative advantages of life and death; he is content with either. Life is blessed, for it is Christ; comp. Colossians 2:4 , "Christ, who is

our Life," and Galatians it. 20, "Not I, but Christ liveth in me;" "Quit-quid rive, Christum vivo" (Bengel). The life of Christ lives, breathes, energizes, in the life of his saints. His flesh, his incarnate life is their meat; his blood, the mystery of his atonement, is the drink of their souls. He abideth in them, and they in him. And yet death is gain; the slate of death, not the act of dying, is meant (the infinitive is aorist, τὸ ἀποθανεῖν), for the dead in Christ are at home with the Lord (ἐνδημοῦντες πρὸς τὸν Κύριον) in a far more blessed sense than

the saints on earth.

Estudos da Palavra de Vincent

To me

Emphatic. Whatever life may be to others, to me, etc

To live is Christ (τὸ ζῆν Χριστὸς)

Lit, the living is Christ. Compare Galatians 2:20 . He has no thought of life apart from Christ.

Gain

As consummating the union with Christ. Compare Colossians

3:4 ; 2 Corinthians 5:1-8 .

"Declare unto him if the light wherewith

Blossoms your substance shall remain with you

Eternally the same that it is now,

And if it do remain, say in what manner,

After ye are again made visible,

It can be that it injure not your sight.

As by a greater gladness urged and drawn